

O ESPAÇO DA INTERSUBJETIVIDADE E A ORDENAÇÃO SINTÁTICA: PARA UMA ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL

Maria Célia **LIMA-HERNANDES**¹
Pós-Doutora/Universidade de Macau
Doutora em Linguística/UNICAMP
USP-CNPq-FAPESP

RESUMO: O objetivo com este artigo é evidenciar que existem ações sintáticas que todos os falantes fazem em níveis de consciência mais baixo, mas há os que revelam maior estado de vigília. A ideia é discutir a relevância dos pressupostos cognitivo-funcionais para se captar a intenção do indivíduo ao escrever e ao falar.

PALAVRAS-CHAVE: Ordem. Subjetividade. Intersubjetividade. Cognição.

Uma breve apresentação

O lugar sintático do falante-escrevente, ao longo do século XX, foi tomado como objeto de reflexão por linguistas de diversas correntes. A maior produção que encontramos apresenta-se vinculada ao aporte teórico da sintaxe gerativista. Quanto à ordem do sujeito, a título de ilustração, lemos em Costa (1996, 1998) e Kato (2000) que esta é condicionada pela função discursiva exercida e específica para o português do Brasil e para o português de Portugal.

Neste artigo, numa abordagem funcionalista, analisamos o espaço do falante-escrevente não como uma função sintática tradicional, mas como um foco de interesse deslocado para o campo que se ancora no aparato cognitivo. Nesse campo, as reflexões orientam-se para as variadas formas de codificação linguística em que o indivíduo tem um papel preponderante.

Sendo assim, o sujeito sintático, mas também as decisões impostas pelo sujeito na organização da informação merecem a atenção. Para lidar com isso, deslocamos, para o foco de atenção neste texto, as decisões do sujeito sobre a ordenação sintática das informações durante a interação.

¹ Endereço eletrônico: mceliah@usp.br

Situando o problema teórico

Por definição, expressões intersubjetivas são “informações” consideradas externas à proposição, daí o estruturalismo reconhecer a função de sujeito como o *argumento externo* que se materializa na sentença. A esse processamento da materialização sintática na sentença subjaz o processamento mental, que, por sua vez, implica a **consciência**, o **pensamento**, a **emoção**, a **memória**, a **linguagem** e a **percepção**².

Tratar do processamento mental em sintaxe é uma decisão polêmica, pois envolve conhecimentos que dão sustentação à linguagem e à língua, mas nunca estiveram presentes como itens que o professor de português ou o linguista precisem abordar em suas aulas. Parece mais sábio e confortável tratar de língua e de suas complexidades sem, contudo, tocar em aspectos de sua origem biofísica ou mental.

Com o avanço das ciências cognitivas e dos conhecimentos na área linguística, é uma exigência cada vez mais presente que o professor retome seus estudos nas áreas limítrofes para dialogar e produzir reflexões mais coerentes com os efeitos apreendidos na cadeia comunicativa. Avançar em direção a efeitos e a intenções é o que permite, atualmente, oferecer as respostas mais sensatas e coerentes com essas novas descobertas, mesmo em sala de aula, onde ainda ecoam sussurros e vozes normativistas ao extremo.

É desse ponto que partimos, porém convidamos para enriquecer este diálogo o neurocientista António Damásio, que deu passos inesperados em direção à discriminação do que é sentimento e emoção. Ao mesmo tempo em que enriquece a discussão, acrescenta um complicador que é a **consciência**. E a pergunta é instantânea: poderia um linguista falar em **consciência**?

Segundo Damásio (2011), o cérebro constrói a consciência gerando um processo do *self* em uma mente em estado de vigília (Damásio, 2011), mas essa construção é um processo cumulativo, mas não necessariamente obrigatório a todo ser e também não semelhante para todo ser. O que sabemos é que esse processo pode ser percebido pela evolução do *self* em três estágios: o *protossself*, o *self* central e *self* autobiográfico.

² Essa falta de consenso deve-se a inclusão ou não de processos que não são conscientes, mas que podem vir a se tornar conscientes, como é o caso de vontade, memória e linguagem.

O *protossself* é uma descrição neural de aspectos relativamente estáveis do organismo. O principal produto são os sentimentos espontâneos do corpo (*sentimentos primordiais*). Num estágio mais elevado está o *self central*, que prevê a geração de um pulso modificando o protossself numa interação entre o organismo e um objeto. O resultado dessa ação é que as imagens do objeto também são modificadas e conectadas momentaneamente em um padrão coerente, que pode ser descrita em uma sequência narrativa de imagens, algumas das quais são sentimentos. Avançando para um terceiro estágio, identificamos o *self autobiográfico*, que se manifesta quando objetos na biografia do indivíduo geram pulsos de self central que são, em seguida, momentaneamente ligados em um padrão coerente amplo.

Nesse estágio mais avançado de desenvolvimento, identificamos uma equivalência com a instância de consciência mais alta do indivíduo. Conhecido, então, como self autobiográfico, agirá com base nos conhecimentos acumulados na memória e também em registros possibilitados pela criação humana, como a pedra, a argila, o papiro, ou papel e nos HDs, uma nova forma de guardar informações para não sobrecarregar o ‘HD’ humano, o cérebro.

Em cada um desses estágios, o indivíduo, ao codificar informações de alta carga de subjetivização, apela para um jogo baseado em ordem sintática: direita e esquerda. Esse jogo funda-se num jogo de atenção e focalização, depreendido dos usos comunicativos e do ‘peso’ das informações, percebidos desde as fases mais tenras de aquisição de linguagem. Quanto mais à esquerda, mais próximo do espaço da subjetividade; quanto mais à direita, mais próximo do espaço da intersubjetividade. Lembremo-nos de que o sujeito sintático é, numa frequência consideravelmente alta, organizado à esquerda nas sentenças, mas devemos nos lembrar também de que outras forças agem para que ele se fixe nessa posição. Retomemos algumas delas antes de caminhar na reflexão proposta neste artigo.

Nas gramáticas normativas, encontramos a definição de sujeito sintático: o termo sobre o qual se declara alguma coisa. Para ser considerado um sujeito prototípico, ou seja, um sujeito que reúne características esperadas pela maioria dos falantes das línguas, esse segmento precisa ser humano, animado, tópico, tema e agente. Esses traços dizem muito acerca do que acreditamos, vivenciamos e esperamos, durante longos séculos, para as situações interativas. Algumas delas são: bichos não falam; mortos não dialogam; o que

sabemos compartilhadamente deve ser dito primeiramente; o assunto sobre o qual pretendemos falar deve ser logo esclarecido; quem agiu deve vir antes de quem sofreu a ação.

Retomando cada uma dessas pressuposições humanas, podemos semelhantemente reconhecer que traços filogênicos contribuem: o ser humano é colaborativo e por isso deve organizar suas ações e interações de modo a cooperar com o outro, pois desde sempre foi a cooperação a melhor forma de sobrevivência (POZO, 2005).

A manifestação da subjetivização na sintaxe da língua

Essas características humanas permitem que o ser humano coopere e se mantenha alinhado com as necessidades de sobrevivência humana. Via interação, como já afirmamos, o deslocamento de termos à esquerda da sentença representa uma forma de diálogo mais direto, em que a construção da informação compartilhada (sujeito) representa a polidez necessária para falar e ser compreendido. Ao mesmo tempo, conduz-se a atenção do interlocutor para o que é novo e para as intenções de mudança de tópico da conversa, construindo-se tópicos, sinalizando-se intenções.

A partir deste ponto deste diálogo, elenco algumas formas de deslocamento à esquerda as quais representam intenção de que o interlocutor leia a sequência como resultado de um processo subjetivo. Com esse espírito de cooperação e de polidez, codificamos, inclusive, ao interlocutor o momento de alta consciência frente ao que será dito (vejam-se os exemplos 1 a 3), assim como sinalizamos a intenção de que o interlocutor esteja atento ao que o falante diz sobre si (vide exemplos 4 a 6).

a) Codificação do momento da consciência sobre um fato: o falante desloca para a posição de oração adverbial temporal anteposta uma informação que, no lugar de codificar tempo de ação (como se poderia esperar), codifica o momento da tomada de consciência.

(1) Quando me chamou, eu vim

Quando dei por mim, tava aqui

Quando lhe achei, me perdi

Quando vi você, me apaixonei... (Chico César, *À primeira vista*)

(2) Era muita informação e eu não conseguia administrar e ter essa noção. **Só me dei conta** de que sou famoso na semana passada, quando parei para pensar em tudo que eu já tinha feito até hoje. (Entrevista Caio Castro. Disponível em <http://gshow.globo.com> Acesso em março/2014)

(3) **Quando eu vi** já tava lá

Parado em seu olhar

Pensando alguma história toda feita com você (Gustavo Lima, *Chega mais para lá*)

b) Codificação da intenção de tornar sua opinião conhecida: o falante constrói um enquadramento de sua perspectiva para que o interlocutor possa avaliar o conteúdo, descrito posteriormente, com a ressalva devida.

(4) ((risos)) **eu não sou... não sou um teórico...eu não sei teorizar...** então eu vou contar a vocês... o que é que foi e o que é que é SER aTOR para MIM... então vou... tentar passar a MINha experiência...(PHPP, 9738)

(5) L1 Qual o maior centro de comunicação que o senhor conheceu?

L2 **Pra mim** um dos maiores centros de estudos brasileiros de maior interesse... a França... né?...

(6) L1 Para algumas pessoas talvez seja insuportável...

L2 Uhn uhn

L1 **Pra mim pessoalmente...** não é... e eu não vejo televisão... então

No francês, Detges e Waltereit (2011) evidenciaram o jogo de movimento do termo *moi*. Explicitam que as informações pragmáticas compreendidas pelos franceses mudam a depender da ordem de codificação sintática:

(8) **Moi**, je ne sais pas.

(9) Je ne sais pas, **moi**.

No exemplo (8), os franceses não teriam dificuldade em identificar que o falante teria a pretensão de informar seu desconhecimento diante de um fato relatado ou inquirido, equivalendo a “pra mim, eu não sei”. Já no exemplo (9), franceses entenderiam que o falante deixaria evidenciado que estaria cético diante de um fato, equivalendo a “não sei, sou cético”.

Coerentemente com o que descobriu Damásio em suas pesquisas com imageamento cerebral, o lugar da codificação linguística pode dizer muito sobre a pessoa e sua fase de desenvolvimento linguístico. Construir um sujeito à esquerda na sentença é uma das primeiras dificuldades superadas pela criança, e sem grandes exercícios, pois toda a sua atenção é voltada para si e para suas necessidades desde a mais tenra idade. Demora muito para que consiga abstrair-se de si.

A subjetivação se desenvolve primariamente no indivíduo e a intersubjetivação é aprendido posterior. A transposição dessa dificuldade vai lhe custar um exercício de difícil percepção e ação: o desapego de si mesmo. Mais tarde, ainda, virá a simulação do desapego de si mesmo para conseguir o que pretende. Primeiro aprenderá a cooperar, depois cooperará polidamente e, somente anos depois, terá condições de cooperar ao revés: dar e receber, numa negociação contínua de abstração de si mesmo, esperando sempre que ‘perder’ não seja o resultado final.

Os sucessos e fracassos, ainda de acordo com Damásio, dependerão não somente de maturação do indivíduo, mas também de estados de vigília contínuos para que a consciência se apresente. A energia é enormemente gasta nesse exercício, que pode se tornar ao longo dos tempos em uma atividade tão bem ensaiada que não mais demandará alta atenção e vigília: é a habituação entrando em campo.

A habituação pode ser exemplificada com o caso do deslocamento de verbos à esquerda de outro verbo. Sabemos desde bem cedo que a construção V + V equivale a verbo auxiliar + verbo pleno ou principal. Temos mesmo a impressão de que esses verbos estão há tanto ali na mesma função que mal nos damos conta de que podem ser parentes de outros que estão em posição diferente. Esse uso que soa comum e sem função aparente verbal pode ser exemplificada com a auxiliarização.

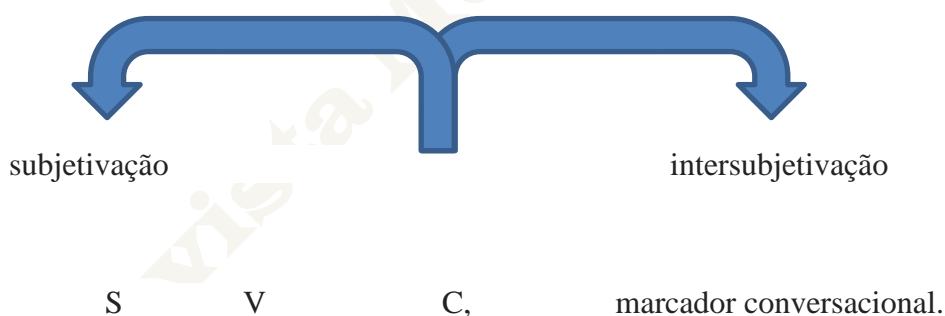
O que se constata é que um processo de abstratização está agindo em V1, de modo que sua função original de verbo pleno vai se liquefazendo século a século, geração a geração. Vejamos o exemplo seguinte:

- (10) E você jogando fora, agora
Vá embora, vá!
Há de haver um jeito qualquer, uma hora!

Há sempre um homem
Para uma mulher
Há dez mulheres para cada um
Uma mulher é sempre uma mulher etc. e tal
E assim como existe disco voador
E o escuro do futuro
Pode haver o que está dependendo
De um pequeno momento puro de amor (Caetano Veloso, *Da maior importância*)

Um falante comum não está atento para o fato de que dois verbos idênticos em raiz estão sequenciados para um mesmo fim: há, sim, a intenção de marcar o espaço da abstratização e, por isso mesmo, da subjetivização empreendida por ancestrais. Em outras palavras, mais do que o item, é a ordem de organização o que está mais próximo de uma subjetivização e esse espaço é mais à esquerda na sentença.

Retomando a ordem sintática do sujeito, fenômeno similar se manifesta. É mais econômico em energia para a interlocução perceber que o falante construiu a sentença nos padrões mais recorrentemente utilizados em determinada língua. No caso do português e, sem exclusividade, das línguas românicas em geral, espera-se a ordem sentencial codificada com o sujeito anteposto ao verbo, uma ordem prototípica, tal como representado a seguir. E assim sendo, a energia demandada será menor, o que equivale na comunicação a se mobilizar menos atenção e maior intercompreensão.



A polarização gradual de subjetivação e intersubjetivação pode ser lida, no campo da cognição, como respostas a movimentos do self consciente. Esse movimento pode ser demonstrado pela distribuição de marcadores conversacionais de início (que pedem a atenção para o que o sujeito diz) e de marcadores conversacionais finalizantes (que pedem a participação do interlocutor ou que monitoram a atenção do interlocutor):



Traugott (2012) demonstra essa mesma percepção de que a ordenação e, principalmente, o lugar da construção da subjetivação e intersubjetivação são polares na sentença.

A teoria linguística, durante o século XX, incorporou a ideia de que o deslocamento à esquerda deve ser rotulado de *topicalização* e invariavelmente evidenciaria a intenção de inserir um novo tópico na conversa (conforme exemplos 11 a 13). Outras intenções, no entanto, podem ser socioculturalmente elaboradas.

(11) Maria¹, **ela**¹ não veio hoje à aula.

(12) ... et euh... elle a grandi et puis elle commence un/elle commence un petit peu à parler ... **alors** elle dit euh... elle dit doudou pour tout ce qu'elle aime...

(13) L1 ben oui je pense bien
L2 ah il y avait des chambres inoccupées **alors**
L1 ouias ouais

Em (11), há a intenção de se sinalizar que o novo tópico da conversa é *Maria*, daí seu deslocamento à esquerda com entonação ascendente. Essa topicalização, contudo, pode ter função diversa no francês. Os exemplos (12) e (13), extraídos do trabalho de Degand e Fagard (2011), demonstram que a ordenação sintática de *alors* pode gerar interpretações diferentes. No exemplo (12), compreende-se que há a intenção de se conservar o tópico da conversa, enquanto, em (13), *alors* sinaliza uma conclusão e pede que o interlocutor se manifeste confirmando o dito. *Alors* em ambos os exemplos equivalem a funções de *então* em português.

Se, na área da Análise da conversação, verifica-se que a ordem pode ser um fator correlato de monitoramento da interação e de codificação de regras socioculturais, nos estudos que priorizam a compreensão da mudança por gramaticalização, diferentemente, verifica-se a manifestação de processos cognitivos que impactam o uso gramatical.

Ao que parece, a diferença é de base cultural e não somente cognitiva, pois em duas variedades da língua portuguesa, por exemplo, as orientações seriam diversas. Santos (2011) mobiliza a categoria de foco como objeto de investigação, num viés sintático, e demonstra, sem pretender, que o processamento cognitivo denuncia regras habituais de uso em cada cultura. No português do Brasil, o foco deve ser construído em posição pré-verbal e, no português de Portugal, em posição pós-verbal.

Até aqui, apresentamos duas razões, que não se excluem, para explicar as diferenças de ordem sintática: aspectos pragmáticos e fatores socioculturais. No quesito pragmático, os falantes, deslocando informações para o espaço do sujeito, podem sinalizar suas certezas e convicções, tal como em (13):

- (14) **É claro que** o ambiente e as preocupações de uma campanha eleitoral são altamente impróprios para a elaboração de uma reforma constitucional decente e digna... (Revista Veja, *apud* Oliveira, Dias e Wilson, 2013: 187)

Isso significa afirmar que o jogo de **atenção** entre interlocutores permite comunicar ao interlocutor que o falante codifica o seu foco, guiando a atenção do ouvinte. Em suma, aproxima-se pela interação e faz-se entender³. E assim, codifica crenças e avaliações, ou seja, sua **conceptualização**. Ao mesmo tempo, enquanto ordena as informações e coloca-se no lugar do outro, **perspectiva**. E, marcando o respeito e a polidez, esculpe seu estatuto social e permite seu **reconhecimento** pelo outro.

Nem tudo o que é fixado à margem esquerda, contudo, sinaliza somente a mudança de tópico. Constrói-se, nesse espaço, também, a distância que se deseja manter de fatos, coisas,

³ Em situações como essas pode gerar um uso inovador, conforme defendem Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2012, p. 164): “Evidencia que o foco de atenção do indivíduo e suas intenções são as ferramentas propulsoras de usos inovadores. Esses usos podem assumir uma dimensão importante em determinado nicho social, grupo social, microcosmo dentro de uma comunidade linguística e passam, assim, a funcionar como marca sociolinguística desses mesmos grupos”.

pessoas e características sob avaliação. Trata-se de mais uma estratégia de subjetivização, por meio do que o falante demonstra seu intento de afastar-se de algo.

Uma dessas estratégias é a colocação à margem esquerda de informações típicas de pessoas que não a primeira. O caminho é a utilização de pronomes de segunda e terceira pessoas. É o que vemos nos exemplos seguintes:

(15) You fool! < you are fool!

(16) **sua** vaca! < você é uma vaca!

(17) **Longe de mim** pensar nisso!

Derrogativos, como em (15) e (16) são típicos em situações de conflito. E a distância entre o falante e o seu interlocutor é o que os diferenciara nos moldes avaliativos. Já, no exemplo (17), apresenta-se uma forma de polaridade negativa que permite ao falante preservar sua face. Para isso uma construção maior do que uma negação simples demonstra a intenção de se distanciar dessa opinião sobre si alegada por seu interlocutor de forma direta ou indireta.

Outro caso em que a topicalização revela uma decisão do sujeito é quando constrói o primeiro parágrafo dissertativo, como demonstrou Vicente (2014), que utilizou como *corpus* redações da Fuvest.

Nos exemplos (18) e (19), verificamos que há a clara intenção de adiar a construção do sujeito sintático. Essa decisão se deve não somente ao fato de que o sujeito não reúne os atributos prototípicos (humano, animado, tópico, tema, agente), mas ainda ao fato de que pretende revelar a intenção de ser mais polido tal como se fosse uma conversa face a face, em que se evita a invasão com perguntas diretas. Na dissertação, constrói um espaço seguro para comunicar o que pretende, mas não sem antes demonstrar o respeito pelo interlocutor com uma série de elementos explicativos (informações colaborativas sobre a perspectiva de quem escreve).

(18)

Por seu caráter simplório, sua capacidade de unificação e obtenção de diferentes conquistas, a amizade é tida como instrumento de reflexões e pensamentos datados das mais remotas épocas.

(19)

Caracterizada pela evidente degradação do "ser" em "ter", a atual estrutura socioeconômica, embasada no que é efêmero e aparente, acarreta na vida uma devastadora inversão de valores. Os indivíduos, influenciados pela vivência em meio a um mercado de consumo marcado pela competição, passam a emergir o outro como um inimigo em potencial. Diante disso, entre relacionamentos superficiais, valores egocêntricos e atitudes que priorizam o imediato, o altruísmo vai se deslocando e se tornando uma raridade no mundo contemporâneo.

Subjetividade é parte da evolução da espécie humana

Parece que estamos lidando com um enigma de grande importância: por que as pessoas agem assim? Por que transferem das situações de interação face a face ações em forma de escrita?

Se recorrermos a Damásio para produzir uma resposta em sintonia com o que a neurociência tem descoberto, teremos que assumir que é graças à subjetividade que a memória e o raciocínio puderam se expandir de forma tão “prodigiosa”. E sabendo que, sem memória e raciocínio, uma língua não se elabora e nem evolui, lidar com subjetividade torna-se premente nos estudos gramaticais. Mais do que isso, sem a subjetividade “o caminho evolucionário para a linguagem e a elaborada versão humana de **consciência** que hoje possuímos não teriam sido abertos” (DAMÁSIO, 2011, p. 16).

Muitos são os fatos linguísticos que são deixados apartados de uma verificação científica. Dentre outras valas de conhecimento estão o modo como codificamos a intenção de que nossa desconfiança seja conhecida (por exemplo, *até parece que*) ou o modo como

codificamos o testemunho (por exemplo, *até onde sei*). Muito há por ser feito numa abordagem que considere o processamento mental que corre silenciosamente entre *selves*.

E para ratificar essa ideia, não podemos também perder de vista que “a matéria cerebral [...] elabora o conjunto da atividade do cérebro, mas também as mais nobres funções, que são a **consciência**, o pensamento, a emoção e a percepção” (MEYER, 2002[1997], p. 13). Saber disso exige que nós, linguistas, retomemos o espaço da linguagem em seu espectro mais amplo de conhecimento para somente então darmos um passo além no que concebemos como língua e gramática.

Referências bibliográficas

CASSEB-GALVÃO, Vânia C. e LIMA-HERNANDES, Maria Célia. O equilíbrio na mudança linguística: a gradualidade em processo. In: SOUZA, Edson Rosa de. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 153-170.

COSTA, J. Word Order and Constraint Interaction. In: *Seminários de Linguística*. Portugal: Universidade do Algarve, 1996, pp. 65-102.

COSTA, J. *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Netherlands: Holland Academic Graphics, 1998.

CUNHA, Gustavo Ximenes. As condições de emergência da função reformulativa do conector quando. In: *Anais do II Congresso Internacional de Linguística Histórica*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2012.

DAMÁSIO, Antonio R. *E o cérebro criou o homem*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KATO, Mary. Prosody, focus and word order. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n.1, pp. 155-174, 2000.

MEYER, Philippe. *O olho e o cérebro: biofilosofia da percepção visual*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; DIAS, Nilza Barrozo; WILSON, Victoria. *Subjetividade – mudança linguística e ensino de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013.

POZZO, Juan Ignacio. *Aquisição do conhecimento: quando a carne se faz verbo*. Tradução de Antonio Feltrin. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Eduardo Ferreira dos. A categoria foco e a ordem do sujeito no português de Angola – uma abordagem preliminar. In: *Anais do II Congresso Internacional de Linguística Histórica*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Intersubjectification and clause periphery. *English text construction* (5):1, 2012, pp. 7-28.

VICENTE, Renata Barbosa. *Iniciar é abstrato? É o lugar, é o tempo, é o espaço do caos cognitivo*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2014.

ABSTRACT: This paper shows speakers different levels of syntactic actions correspond to levels of consciousness too. The idea is to discuss the relevance of cognitio-functional aspects postulated for the apprehension of intention from individual people while to write or to talk.

KEYWORDS: Position. Subjectivization. Intersubjectivization. Cognition.

Envio: Março/2014
Aceito para publicação: Abril/2014